



Terra Brasilis

Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

1 | 2012

História da Geografia e Geografia Histórica

A Geografia e o estudo do passado

Conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais

La Geografía y el estudio del pasado: Conceptos, periodizaciones y articulaciones espacio-temporales

La Géographie et l'étude du passé : concepts, périodisations et articulations spatio-temporels

Geography and the study of the past: concepts, periodization and spatio-temporal articulations

Marcelo Werner da Silva



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/246>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.246

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Marcelo Werner da Silva, « A Geografia e o estudo do passado », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 1 | 2012, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/246> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.246

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

A Geografia e o estudo do passado

Conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais¹

La Geografía y el estudio del pasado: Conceptos, periodizaciones y articulaciones espacio-temporales

La Géographie et l'étude du passé : concepts, périodisations et articulations spatio-temporels

Geography and the study of the past: concepts, periodization and spatio-temporal articulations

Marcelo Werner da Silva

O espaço é a acumulação desigual de tempos
(Milton Santos)

1. A relação entre Geografia e História

- 1 A geografia histórica apresenta um desenvolvimento não-linear dentro da geografia, intercalando momentos de pleno reconhecimento, com outros em que sua prática foi vista como uma excrescência no seio da ciência geográfica.
- 2 Como parte desse não reconhecimento, muitas comunidades acadêmicas de geografia, notadamente do Brasil, parecem ter instalado uma regra informal de que a geografia deve tratar unicamente do presente. Todo e qualquer estudo relacionado ao passado deveria ser relegado à história. Isto, na verdade, parece ter funcionado como uma maneira da geografia garantir um lugar só seu, no amplo espectro das ciências sociais. Para Abreu (1996, p. 15, grifo nosso), essa “lei” é castradora, pois “...impele a disciplina na direção exclusiva da interpretação do presente dos lugares, e não no caminho **da interpretação dos lugares...**”, que pressupõe também analisar a questão temporal.
- 3 Para ir ao encontro da interpretação dos lugares, a geografia tem que considerar que as formas sociais são produtos históricos, resultado da ação humana sobre a superfície terrestre, e que expressam a cada momento as relações sociais que lhe deram origem. “Nesse sentido, a paisagem manifesta a historicidade do desenvolvimento humano,

associando objetos fixados ao solo e geneticamente datados” (MORAES, 1988, p. 15). Ou como decreta a famosa frase “...o espaço é a acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 2004c, p. 9).

- 4 H. C. Darby, um dos grandes autores da geografia histórica, em seu ensaio “On the relations of geography and history”, de 1953 (DARBY, 1991), relaciona as três possibilidades de reunir história e geografia: uma seria a geografia por trás da história, em que a geografia seria o pano de fundo, no qual se desenrolariam os acontecimentos históricos. Outra seria a história por trás da geografia, em que o autor identifica duas dificuldades para diferenciar história e geografia. Em primeiro lugar, como fixar um limite para a geografia do tempo presente? O presente pode ser identificado como camada mais ou menos “fina”. Considerando que esse limite é arbitrário, quando termina a geografia e começa a história? Nesse sentido Darby (1991, p. 39) considera que “toda geografia é geografia histórica, atual ou potencial”. A segunda razão está ligada ao fato que as características das paisagens, não são apenas resultado da ação natural, mas de sucessivas gerações de habitantes.
- 5 Por fim, para Darby a terceira possibilidade de reunir história e geografia é o estudo de “geografias passadas”. Neste sentido, identificado com a geografia histórica, essa buscaria realizar uma geografia no tempo, reconstruindo as geografias do passado. Pretendendo retrair o passado, o faz assentada no presente, isto é, a partir do momento em que é escrita. Enfrenta então o desafio de “...discernir, através de uma geografia retrospectiva, o que, num dado ponto do passado, era, então, o presente” (SANTOS, 2004, p. 51). Ou seja, identificar o que Abreu (2000, p. 18), inspirado em Mackinder e Darby, chama de “presente de então”.
- 6 Para Philo (1996, p. 270),
...a importância da geografia histórica é fazer com que uma sensibilidade geográfica seja introduzida no estudo de todos esses fenômenos do passado – econômicos, sociais, políticos ou qualquer outro – que são a própria ‘substância’ da história e que atraíram a atenção dos historiadores (como também a de outros estudiosos das ciências sociais e das humanidades).
- 7 Portanto, apesar de alimentada pela história, a geografia histórica não se confunde com ela, distinta que é em termos de preocupações e natureza das análises.

2. Uma proposta de metodologia em Geografia Histórica

- 8 Se como muitos defendem, a geografia só estuda o presente, o que a geografia histórica faz é estudar o presente que existiu em algum momento do que hoje é passado. E pode fazer isto sem deixar de ser geografia: “As análises complexas e abrangentes que a disciplina vem fazendo para compreender o momento atual de globalização podem também ser feitas para os tempos passados, bastando para isso que façamos as necessárias correções metodológicas” (ABREU, 1996, p. 15).
- 9 É necessário então seguir certas regras metodológicas que não necessitam ser seguidas quando se estuda o presente:
Dentre as regras fundamentais que permitem que estudemos o passado, citaremos aqui apenas três. A primeira é a que preconiza que se as categorias de análise da geografia são universais, as variáveis que as operacionalizam não o são; daí precisamos estar sempre atentos à adequação destas últimas para o entendimento

do passado. Variáveis não trafegam impunemente no túnel do tempo, só as categorias de análise podem fazê-lo. A segunda regra, por sua vez, indica que só se pode entender o ‘presente de então’ se pudermos contextualizá-lo. Embora informado pelo presente, o passado não é o presente. Daí, para compreendê-lo, há que se investir muito em pesquisa indireta, via leitura do que já foi produzido sobre o tempo que se decidiu estudar, e também em pesquisa direta, realizada nas mais diversas ‘instituições de memória’ (...)

Finalmente, há também que levar em conta que as geografias do passado trabalham, não com o passado propriamente dito, mas com os fragmentos que ele deixou. Por isso, é preciso sempre desconfiar dos vestígios que encontramos, pois os documentos não são neutros, isto é, incorporam estruturas de poder (...). Por outro lado, há também que tentar dar conta do que não deixou vestígios, mas que sabemos que ocorreu ou que deve ter ocorrido (ABREU, 2000, p. 18).

- 10 Vasconcelos (1999, p. 17) também defende essa visão, e analisa a utilização de categorias e conceitos atuais no estudo da cidade escravista brasileira. Para ele, em princípio, as categorias e conceitos de uma disciplina têm aplicação universal no seu conjunto, com a ressalva que estes devem ser utilizados como instrumentais teóricos de fato e não simples “ornamentos” conceituais.
- 11 Portanto, para estudar e interpretar os espaços do passado é fundamental definir quais os conceitos e variáveis adequados à análise do tempo que se decidiu estudar, procurando recuperar o quadro referencial maior daquele lugar, naquele tempo, ou seja, o seu enquadramento espaço-temporal (ABREU, 1998, p. 94).
- 12 Neste resgate das geografias do passado, a geografia não deve se limitar em realizar somente o resgate das antigas formas morfológicas, apesar de sua importância na recuperação da produção material das sociedades do passado (ABREU, 1996, p. 13-14). Há que relacioná-las aos sujeitos que às construíram. Para tanto, é necessário considerar que no estudo do espaço, além das formas espaciais, que têm uma óbvia dimensão material, também devemos atentar, por um lado, a “...uma dimensão dos **comportamentos obrigatórios**, que são as formas jurídicas e as formas sociais, e de outro lado com o **tempo**, tal como ele se dá nas diferentes escalas de sua existência, ainda que tenhamos freqüentemente dificuldade em precisá-la” (SANTOS, 1997, p. 68, grifo nosso).

2.1 A empiricização do tempo e a idade dos lugares

- 13 Segundo Santos (2004), para trabalhar conjuntamente com o tempo e o espaço é necessário tratá-los segundo parâmetros comparáveis. Como o espaço é concreto, é necessário que o tempo também o seja, realizando-se então a “empiricização” do tempo, o que pode ser realizado através das técnicas. Segundo Santos (2004, p. 29),

...a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dado pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada (...)

Um inventário dos estudos empreendidos sobre a técnica deixa ver que esse fenômeno é freqüentemente analisado como se a técnica não fosse parte do território, um elemento de sua constituição e da sua transformação
- 14 Entretanto, há que considerar, que o ideal é tratar a técnica no plural, pois “...a noção de sistema é inseparável da idéia de técnica” (SANTOS, 2004, p. 175). São precisamente as técnicas que distinguem as épocas, pois cada época tem suas próprias formas de fazer: “Os sistemas técnicos envolvem formas de produzir energia, bens e serviços, formas de

relacionar os homens entre eles, formas de informação, formas de discurso e interlocução” (SANTOS, 2004, p. 177).

- 15 Para realizar a empiricização do tempo através das técnicas é necessário considerar que sua participação no espaço é decisiva, podendo ser vistas como uma medida de tempo:

A **técnica** entra aqui como um traço de união, historicamente e epistemologicamente. As técnicas, de um lado, dão-nos a possibilidade de empiricização do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham. Então, essa empiricização pode ser a base de uma sistematização, solidária com as características de cada época. (...)

As técnicas são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida de tempo: o tempo do processo direto de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho e o tempo da cooperação (SANTOS, 2004, p. 54, grifo do autor).

- 16 A técnica proporciona a materialização do tempo porque toda técnica traz história embutida:

Na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história (SANTOS, 2004, p. 48).

- 17 As técnicas são então implantadas no espaço, fazendo com que o espaço passe a ser formado por vários e distintos objetos técnicos. Por exemplo, o espaço do trabalho contém técnicas, não só de trabalho, mas autorizações para fazer isto ou aqui, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo esta ou outra sucessão. Podemos então dizer que “tudo isso é tempo” (SANTOS, 2004, p. 55).

- 18 A realização do trabalho através da incorporação progressiva de novas técnicas, em qualquer época que estivermos considerando, pressupõe uma forma de divisão do trabalho, que muda a cada momento histórico. Segundo Santos (2004, p. 136), essa

...é uma lei geral. Em cada lugar, em cada subespaço, novas divisões do trabalho chegam e se implantam, mas sem exclusão dos restos de divisões do trabalho anteriores. Isso, aliás, distingue cada lugar dos demais, essa combinação específica de temporalidades, diversas. Em outra situação, consideremos, apenas, para fins analíticos, que, dentro do todo, em uma dada situação, cada agente promove sua própria divisão do trabalho. Num dado lugar, o trabalho é a somatória e a síntese desses trabalhos individuais a serem identificados de modo singular em cada momento histórico.

- 19 Por isso, cada divisão do trabalho cria um tempo próprio, diferente do anterior. Esse “tempo” ganha concretude apenas na sua interpretação ativa pelos diversos agentes sociais: “...é assim que, a partir de cada agente, de cada classe ou grupo social, se estabelecem as *temporalidades* (interpretações, isto é, formas particulares de utilização daquele tempo geral, ‘temporalidades práticas’ no dizer de J.-P. Sartre) que são a matriz das espacialidades vividas em cada lugar” (SANTOS, 2004, p. 136).

- 20 O tempo da divisão do trabalho seria o tempo do “Modo de Produção”.

Aqueles elementos definidores do modo de produção seriam a medida geral do tempo, à qual se referem, para serem contabilizados, os tempos relativos aos elementos mais ‘atrasados’, heranças de modos de produção anteriores. Visto em sua particularidade – isto é, objetivado – e, portanto, com a sua cara geográfica, o tempo, ou melhor, as temporalidades, conduzem à noção de formação socioespacial (SANTOS, 2004, p. 136).

- 21 Portanto ao serem implantadas em um lugar, as técnicas (no plural) são redefinidas por este lugar. Cada objeto ou ação que se instala, o faz em um tecido pré-existente, e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Do mesmo modo, a presença de uma nova técnica também modifica os valores pré-existentes, formando então uma espécie de tempo do lugar, de um “tempo espacial”, que configura também a “**idade de um lugar**” (SANTOS, 2004, p. 59, grifo nosso).

...o espaço se caracteriza, entre outras coisas, pela diferença de idade entre os elementos que o formam. Isso é válido para todos os tipos de subespaço, não importando a escala (...).

Se ampliarmos a escala de nossa observação à dimensão de um continente ou se a restringirmos ao tamanho da célula territorial mais minúscula, jamais encontraremos elementos sincrônicos. Cada variável hoje presente na caracterização de um espaço aparece com uma data de instalação diferente, pelo simples fato de que não foi difundida ao mesmo tempo; por isso cada lugar se distingue por uma datação diferente de suas variáveis constitutivas. Em cada continente, país, região ou subespaço, cada lugar representa a soma de ações particulares inicialmente localizadas em períodos diferentes. A presença simultânea de variáveis com idades tão diversas dá como resultado que a combinação característica de cada lugar é *única* (SANTOS, 2004d, p. 257-258, grifo do autor).

- 22 Essa combinação específica, formada em cada lugar, consiste em uma materialidade artificial, que pode então ser datada por intermédio das diversas técnicas: da produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política, etc. Sendo um fenômeno histórico, pode-se identificar o momento de sua implantação, nas diversas escalas: local, nacional ou mundial (SANTOS, 2004, p. 57).
- 23 Portanto, “...a cada lugar geográfico concreto corresponde, em cada momento, um conjunto de técnicas e de instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada” (SANTOS, 2004, p. 56). Desse modo, tem-se a correspondência entre, por exemplo, a implantação de um grande sistema técnico e o lugar geográfico de instalação, dando conta das múltiplas relações e influências que se estabelecem entre a técnica que se implanta e o lugar de implantação.
- 24 Desse que modo constata-se que através da empiricização do tempo, proposta por Milton Santos, podemos identificar os lugares pela implantação diferencial e não simultânea das técnicas, pelo acúmulo sempre diverso de modos de produção dominantes e subalternos, o que configura um método para se estudar o tempo relacionando-o ao lugar, levando à datação diferencial dos lugares. O que nos conduz à determinação de recortes temporais, através do recurso das periodizações.

2.2 Periodizações e Recortes Temporais

- 25 Em cada lugar encontramos simultaneamente a **diacronia**, ou eixo das sucessões, a **sincronia**, ou eixo das coexistências, o tempo das diversas ações/diversos atores. Nas palavras de Santos (2004, p. 159),

...em cada lugar, os sistemas sucessivos do acontecer social distinguem períodos diferentes, permitindo falar de hoje e de ontem. Este é o eixo das sucessões. Em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos. Já no viver comum de cada instante, os eventos não são sucessivos, mas concomitantes. Temos aqui o eixo das coexistências (SANTOS, 2004, p. 159).

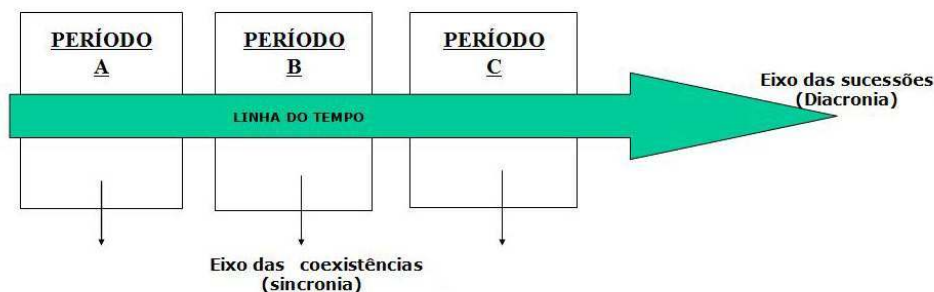
- 26 No espaço geográfico as temporalidades não são as mesmas para os diversos agentes sociais, porém elas acontecem simultaneamente:

...constatamos, de um lado, uma assincronia na seqüência temporal dos diversos vetores e, de outro lado, a sincronia de sua existência comum, num dado momento. O entendimento dos lugares, em sua situação atual [ou retrospectiva, em se falando de geografia histórica] e em sua evolução, depende da consideração do eixo das sucessões e do eixo das coexistências (SANTOS, 2004, p. 159).

- 27 Portanto, é no espaço que os dois eixos se unem, formando então uma unidade espaço-temporal:

O tempo como sucessão, o chamado tempo histórico, foi durante muito tempo considerado como uma base do estudo geográfico. Pode-se, todavia, perguntar se é assim mesmo, ou se, ao contrário, o estudo geográfico não é muito mais essa forma de ver o tempo como simultaneidade: pois não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja idêntico para todos os homens, empresas e instituições. Pensamos que a simultaneidade das diversas temporalidades sobre um pedaço da crosta da Terra é que constitui o domínio propriamente dito da Geografia. Poderíamos mesmo dizer, com certa ênfase, que o tempo como sucessão é abstrato e o tempo como simultaneidade é o tempo concreto já que é o tempo da vida de todos. O espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (do território) relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo (SANTOS, 2004, p. 159-160).

Figura 1: O eixo das sucessões e o eixo das coexistências



Fonte: Elaboração do autor.

- 28 A intersecção, em determinado lugar, do eixo das sucessões com o eixo das coexistências, dá lugar a diversos períodos (ver figura 1). A periodização é uma das maneiras de analisar o tempo na geografia e outras ciências sociais. Através delas, procura-se identificar segmentos homogêneos do tempo histórico, em que as variáveis se mantêm em relativo equilíbrio no interior de uma mesma combinação de elementos de ordem econômica, social, política e moral, constituindo um sistema (SANTOS, 2004b, p. 31-33). Esse sistema constitui a totalidade social, que é formada por uma combinação das instâncias econômica, jurídico-política e ideológica da sociedade que se articulam no conceito de formação socioespacial.
- 29 Ocorre, porém, que não necessariamente cada instância esteja no mesmo tempo da outra, compartilhando a mesma temporalidade. Para Corrêa (1987, p. 39-40), “...as três instâncias entrecruzam-se e completam-se através de diferentes modos. Um deles assume uma expressão fenomênica, a organização espacial”, que pode ser também periodizada. “Assim como é possível falar do feudalismo, também o é da organização espacial feudal” (CORRÊA, 1987, p. 40). Para esse autor, a periodização pode ser definida “...como uma

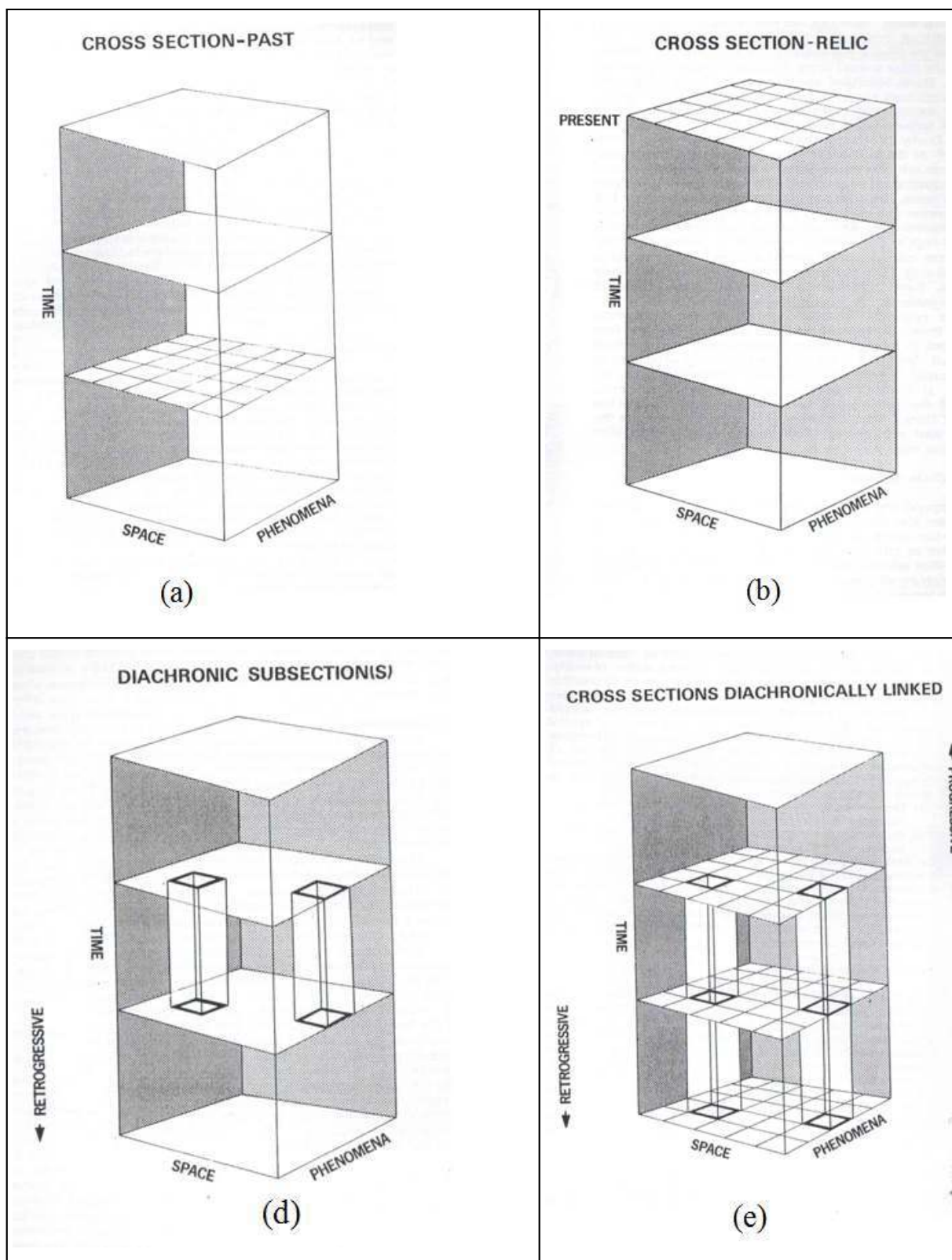
operação intelectual que permite definir os tempos históricos, onde em cada um deles o pesquisador torna visível e inteligível (...) a forma específica da existência da totalidade social” (CORRÊA, 1987, p. 40).

- 30 Como o desenvolvimento humano acontece pela sucessão das diversas técnicas de relacionamento humano e dos grupos humanos com a natureza, cada um desses períodos representa uma modernização (tecnológica), ou seja,
- ...a generalização de uma *inovação* vinda de um período anterior ou da fase imediatamente precedente. A cada modernização, o sistema tende a desdobrar sua nova energia para os subsistemas subordinados. Isto representa uma pressão para que, nos subsistemas atingidos, haja também modernização. No sistema “dominado”, aqui chamado subsistema, as possibilidades de inovação estão abertas, assim, às variáveis que foram objeto de modernização no sistema “dominante” (SANTOS, 2004b, p. 31, grifo do autor).
- 31 Para entendermos as periodizações é necessário discutir a noção de evento. Para Milton Santos (2004), os eventos mudam as coisas e transformam os objetos, dando-lhes novas características. Não há evento sem ator e sem sujeito. “Os eventos históricos supõem a ação humana. De fato, evento e ação são sinônimos” (SANTOS, 2004, p. 147).
- 32 Porém o evento é sempre presente, mas não necessariamente instantâneo, decorrendo daí a idéia de duração, lapso de tempo em que determinado evento é eficaz. O evento então teria uma duração natural, decorrente do próprio evento e uma duração organizacional, como no caso de leis e regras que interferem na duração dos eventos. Como exemplo de eventos naturais poderíamos citar uma enchente, um terremoto e como eventos sociais e históricos, a chegada de um trem, um comício, um golpe de Estado, etc. (SANTOS, 2004, p. 148-149).
- 33 Porém o evento também tem uma extensão ou espacialidade, uma “área de ocorrência”, o que é facilmente perceptível para eventos naturais, como por exemplo, a área atingida por uma inundação ou uma furação. Já para eventos sociais essa delimitação é mais difícil, mas pode ser, por exemplo, a área de presença de determinado produto agrícola (SANTOS, 2004, p. 150). Para esse autor, “...considerando o tempo não apenas como transcurso ou intensidade, mas, igualmente, como extensão – ou espacialidade, dirão outros – ficamos perto de entender, de um ponto de vista geográfico, essa noção de extensão de um evento, já referida por Whitehead (1919) e outros filósofos” (SANTOS, 2004, p. 150).
- 34 Aqui entraria a noção de escala: a escala das forças operantes, dos eventos como fluxos e a escala da área de ocorrência. Segundo Milton Santos (2004, p. 152, grifo do autor), “...a palavra *escala* deveria ser reservada a essa área de ocorrência e é nesse sentido que se pode dizer que a escala é um dado temporal e não propriamente espacial, ou, ainda melhor, que a escala varia com o tempo, já que a área de ocorrência é dada pela extensão dos eventos”. Por fim “...a conexão existente entre os objetos é dada pelos eventos, isto é, o tempo se fazendo empírico, para poder encontrar os objetos” (SANTOS, 2004, p. 158).
- 35 A esse períodos podemos chamar de “recortes temporais”. Estaville Jr. (1991, p. 310), apresenta diversas formas de organizar o tempo para estudar relações espaciais (ver figura 2).
- 36 Na figura 2a aparece o recorte temporal simples (cross section-past), em que um tempo particular é selecionado por sua importância histórica ou por haver disponibilidade ou significância de fontes materiais sobre o espaço analisado. Pode se referir a um ano ou um século, e é uma tentativa de recriar o “presente histórico”, o presente como existiu em algum momento do passado. Apresenta a vantagem de uma estrutura temporal estática,

permitindo simplicidade, economia e facilidade na organização da pesquisa, proporcionando que as relações espaciais possam ser explanadas com relativa precisão. A desvantagem é que, ao não considerar as transformações no interior do recorte, acaba tornando-se um “método de antiquário”. Outra desvantagem é que, inferir processos através de padrões espaciais congelados no tempo, pode conduzir a explicações errôneas (ESTAVILLE JR., 1991, p. 310-312).

- 37 Já no método retrospectivo ou refletivo (cross section-relic, ver figura 2b), são utilizadas as relíquias do passado que permaneceram no presente, sendo a obsolescência funcional o critério mais importante para determinar a característica de relíquia². É utilizado para recriar geografias passadas a partir de seus vestígios encontrados na paisagem atual (ESTAVILLE JR., 1991, p. 312-313). Apesar de ser um método interessante para trabalhar com as paisagens geográficas, apresenta a desvantagem que, se o número de relíquias for pequeno, pode prejudicar a reconstrução de geografias passadas.
- 38 Já os recortes sincrônicos (figura 2c) são uma extensão do recorte temporal simples, demonstrando mudanças de um tempo a outro. São a soma de dois ou mais recortes temporais simples. Pode ser utilizado através de aproximações progressivas, de um tempo no passado para um mais contemporâneo, ou através de aproximações regressivas, do mais atual para o mais antigo. Apresenta como principal vantagem a possibilidade de analisar as mudanças de um momento a outro, permitindo comparações temporais e análises de certos processos. Como desvantagem, a utilização de poucas seções restringe o entendimento do processo. De outra forma eventos ocorridos fora das seções analisadas são apenas inferidos, podendo conduzir a erros de interpretação. Por último, a taxa de mudança dos fenômenos observados pode variar, acarretando dificuldades de organização e perda de informação nos recortes analisados (ESTAVILLE JR., 1991, p. 312-314).
- 39 Já nas subseções diacrônicas (figura 2d), são isoladas relações espaciais de fenômenos particulares, analisando o fluxo contínuo de um evento através de um tempo relativamente longo de tempo até outro momento distinto. Podem ser organizados progressivamente ou regressivamente. Apresenta a vantagem de proporcionar excelente análise do processo e das interações, como se a realidade fosse mostrada como em um filme, com um aparente *continuum* de movimento. A desvantagem desse método é que, ao procurar mostrar cadeias de eventos contínuas, exigiria muitas inferências devido à escassez de dados. Outra desvantagem é que, devido à quantidade de possíveis fenômenos e a prolongados períodos de tempo envolvidos na observação, o número de fenômenos considerados costuma ser pequeno. Também as taxas evolucionárias dos fenômenos em observação podem variar, gerando dificuldades de entendimento processual. Por último, a organização temporal diacrônica pode conduzir à crítica: isto é realmente geografia ou alguma forma de história? (ESTAVILLE JR., 1991, p. 312-314).
- 40 Até aqui estivemos analisado as diferentes maneiras de realizar recortes temporais sincrônicos ou diacrônicos. Porém ambos apresentam problemas. Os recortes sincrônicos, ao procurarem estabelecer intervalos de tempo com pequenas transformações, poderiam levar a um olhar rápido sobre eventos não exatamente os mais significativos. No caso oposto, a análise diacrônica, procura analisar fenômenos através do tempo, porém o número de fenômenos analisados poderiam ser insignificantes para captar a estrutura espacial (ESTAVILLE JR., 1991, p. 315-317).

Figura 2: A organização do tempo para analisar relações espaciais segundo Estaville Jr.



Fonte: ESTAVILLE JR. (1991).

- 41 A discussão entre sincronia e diacronia pode ser associada àquela que analisa padrões (espaciais) e processos (temporais). Padrões são quadros congelados de processos, assim como processos são padrões através do tempo (ESTAVILLE JR., 1991, p. 317-319).
- 42 A dúvida é então de caráter metodológico: os geógrafos deveriam pontuar descobertas e explicações de padrões espaciais através do tempo (geografia das mudanças) ou procurar o entendimento espacial de fenômenos através de seu desenvolvimento temporal (mudanças geográficas). A resposta se encontra dentro do que pode ser metodologicamente chamado de barganha espaço-tempo (“space-time trade-off”), diminuindo o movimento dos fenômenos através do tempo e aumentando a precisão da análise espacial, bem como, aumentando o movimento dos fenômenos através do tempo e aumentando a precisão da análise processual (ESTAVILLE JR., 1991, p. 319).
- 43 O primeiro, certamente um recorte sincrônico em busca de padrões espaciais. O segundo, diacrônico, acentuando o processo de desenvolvimento. Por outro lado, ontologicamente, espaço e tempo estão inalteravelmente unidos o que possibilita utilizar à força de ambas as estratégias para investigar tanto padrões espaciais como processos. Para mitigar a “barganha espaço-tempo”, os geógrafos históricos desenvolveram estratégias metodológicas que unem os recortes sincrônicos com sub-seções diacrônicas: tanto podem ser utilizados recortes sincrônicos unidos diacronicamente (figura 2e), como estudar diacronicamente padrões espaciais, partindo do passado até chegar ao padrão analisado ou partindo de um padrão do passado estudando-se diacronicamente seu desenvolvimento até um próximo padrão espacial (figura 2f) (ESTAVILLE JR., 1991, p. 319).
- 44 A vantagem da abordagem sincrônica-diacrônica é possibilitar o estudo conjunto da estrutura e do processo. Como o recorte sincrônico congela um padrão espacial, perde-se informação referente ao processo, situação que se inverte ao utilizar-se a análise diacrônica, pois temos muita informação referente ao processo, porém perde-se informação a respeito dos padrões espaciais (ESTAVILLE JR., 1991, p. 315-322).
- 45 Apresentamos até aqui as diversas formas de relacionar tempo e espaço, como o tempo ganha concretude em sua relação com o espaço e como organizar o tempo para analisar relações espaciais. É necessário agora analisar as formas geográficas de realizar os recortes espaciais, que se articulam através da escala geográfica, ainda mais que, há mais de quinhentos anos a humanidade vive uma progressiva globalização de suas relações econômicas, sociais e culturais.

2.3 Os Recortes Espaciais

- 46 A interpretação geográfica da realidade pressupõe a utilização de recortes espaciais e sua articulação através do conceito de escala. A escala não se refere unicamente à representação cartográfica, mas à sua problematização como “...uma estratégia de aproximação do real” (CASTRO, 1995, p. 118). Através da escala delimitamos o campo empírico da pesquisa, ou seja, delimitamos “...os fenômenos que dão sentido ao recorte espacial objetivado” (CASTRO, 1995, p. 120).
- 47 O que ocorre sincronicamente em um lugar é também determinado pelo que ocorre em outras escalas, seja a nacional, seja a mundial.. Seria a associação entre um tempo interno (do lugar) e um tempo externo (do mundo) (SANTOS, 2004, p. 52). Portanto é necessário realizar a articulação entre as diversas escalas envolvidas no estudo de determinado área ou determinado recorte temporal.

- 48 Para estudar a escala dos Estados Nacionais e também de unidades políticas administrativas estaduais e até municipais, utilizamos o já citado conceito de Formação Socioespacial³, que diz respeito à reunião em dado lugar de diversas variáveis de modo particular. “A categoria de Formação Econômica Social [da qual derivou a categoria de formação socioespacial] é assim extremamente útil ao estudo de uma realidade nacional pela fato de que não se aplica à *Sociedade* considerada em um sentido geral, mas a *uma sociedade* precisa, cuja especificidade e particularismos devem ser realçados...” (SANTOS, 2004d, p. 243, grifo do autor).
- 49 Essas diversas sociedades materializadas como Estados Nacionais, unem-se em uma escala mundial ou global. Para analisá-la utilizamos a formulação de Immanuel Wallerstein, de que o mundo se reúne no “moderno sistema mundial”, termo que designa a formação de uma economia-mundo capitalista, cuja gênese “...se situa na Europa no final do século XV; que, de lá para cá, (...) se expandiu no espaço até cobrir todo o planeta no final do século XIX; e que ainda engloba a Terra inteira” (WALLERSTEIN, 2001, p. 18).
- 50 Forma-se uma economia-mundo, porque no moderno sistema mundial nenhum Estado Nacional tem força, sozinho, para impor uma centralização política e estabelecer um “império-mundo”. Por isso temos, na verdade, um “sistema interestatal”, com os Estados Nacionais mais fortes, através de mecanismos políticos, diplomáticos e militares, concentrando atividades ditas centrais em seus territórios. No entanto, historicamente constatamos que o balanço de forças do sistema interestatal leva à hegemonia de um estado central, que podemos associar ao conceito de imperialismo. Imperialismo porque essa hegemonia leva à dominação de fato de regiões periféricas, ainda que não de direito. Segundo Arrighi (1996, p. 27), “...o conceito de ‘hegemonia mundial’ (...) refere-se especificamente à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas”.
- 51 Para Arrighi (1996) e Arrighi e Silver (2001), existiram três hegemonias dentro do capitalismo histórico: a holandesa, a inglesa e a norte-americana. Essas hegemonias no campo político e também militar se ligam ao que Arrighi (1996) chama de “ciclos sistêmicos de acumulação”, que representam a observação empírica da alternância entre épocas de expansão material, com épocas de expansão financeira. Os ciclos sistêmicos geralmente se superpõem e duram sempre mais de um século, por isso a idéia de “século longo”, que o autor toma como unidade temporal básica na análise dos processos mundiais de acumulação de capital. O século longo se associa à formulação de Fernand Braudel (1990) de “longa duração”.
- 52 O próprio tempo também expressaria uma relação de dominação e dependência. “Há, pois, tempos dentro do tempo, tempos hegemônicos e tempos subalternos, o tempo dos que controlam a vida produtiva e a vida social e o tempo dos que vivem em função desse controle. Há um tempo desigual das diversas empresas segundo sua força e um tempo desigual dos diversos homens, segundo o seu lugar no processo produtivo” (SANTOS, 1989, p. A-3).
- 53 A economia-mundo apresenta certas características, sintetizadas a seguir:
1. a acumulação incessante do capital como sua força motriz;
 2. uma divisão axial do trabalho em que há uma tensão centro-periferia de natureza tal que existe alguma forma de troca desigual [...] que tem caráter espacial;
 3. a existência estrutural de uma zona semi-periférica;
 4. o papel amplo e contínuo do trabalho não-assalariado ao lado do trabalho assalariado;

5. a correspondência entre as fronteiras da economia-mundo capitalista e as de um sistema-inter-estados formado por Estados soberanos;
6. a localização dessa economia-mundo capitalista antes do século XIX, provavelmente no século XVI;
7. a idéia de que essa economia-mundo capitalista começou numa parte do globo (em larga medida na Europa) e mais tarde expandiu-se a todo o globo mediante um processo de sucessivas ‘incorporações’;
8. a existência nesse sistema-mundo de Estados hegemônicos cujos períodos de hegemonia plena ou inconteste foram contudo relativamente breves;
9. o caráter não-primordial de Estados, grupos étnicos e famílias, todos eles em constante processo de criação e recriação;
10. a importância fundamental do racismo e do sexismo como princípios organizadores do sistema;
11. o surgimento de movimentos anti-sistêmicos que solapam e reforçam simultaneamente o sistema;
12. um padrão contendo tantos ritmos cíclicos como tendências seculares que dá corpo às contradições inerentes do sistema e explica a crise sistêmica em que hoje vivemos (WALLERSTEIN, 2006, p. 307).

- 54 Condensando essas características, podemos dizer que a economia-mundo se caracteriza por uma divisão do trabalho integrada através de um mercado (mundial) e não por uma unidade política central. A noção de divisão social do trabalho tem além de seu caráter funcional, uma dimensão espacial. Através de um paralelo com a teoria marxista que explica a distribuição desigual do produto do trabalho entre classes sociais, aqui se estende esta preocupação da divisão do produto à distribuição desigual entre as regiões que participam da produção mundial. Portanto, paralelamente à divisão social do trabalho, também existe uma divisão mundial do trabalho, definindo assimetrias que configuram uma “divisão axial do trabalho”, com certas regiões centrais absorvendo, não só o excedente gerado por seus trabalhadores, mas também uma parcela do excedente gerado pelos trabalhadores das regiões periféricas. O mecanismo de atuação dessa divisão do trabalho se dá através do estabelecimento de cadeias de mercadorias, geralmente relacionadas ao comércio de longa distância, incorporando várias regiões e perpassando as fronteiras nacionais. Na aplicação de estratégias monopolistas, as empresas dos países centrais, contam com o apoio de seus Estados Nacionais para minar rivais economicamente mais fortes de outros Estados (“mercantilismo”). Com isso obtêm o controle sobre as etapas mais rentáveis das cadeias de mercadorias (o que se relaciona com os conceitos de hegemonia e imperialismo) (ARIENTI e FILOMENO, 2004, p. 5-7).
- 55 Esta divisão axial do trabalho é continuamente reproduzida, na medida em que passa a operar uma força centrípeta, fortalecendo os mecanismos de troca desigual. A distribuição do excedente é determinada, portanto, não apenas pela distribuição desigual de vantagens econômicas (dotação de valores desigual e diferenças tecnológicas e organizacionais), mas principalmente por relações de forças em que se confrontam as burguesias nacionais e seus respectivos Estados. A chamada “troca desigual” funciona através da aliança dos capitalistas com o poder político.
- 56 Essa troca se dá no nível dos grandes capitalistas que tem poder de influência junto ao poder político, e se distinguem dos pequenos comerciantes que fazem “as trocas cotidianas do mercado” e dos “intermediários e atravessadores” (BRAUDEL, 1987, p. 45-49).
- 57 Portanto, historicamente, capitalistas e Estados organizam o processo de produção mundial entre as várias regiões geográficas em busca de uma concentração de atividades

monopolistas em determinadas regiões, tornando-as “centrais” (que podem coincidir com territórios de Estados Nacionais). Por outro lado, as atividades sem condições de escapar da concorrência de seus competidores e da troca desigual dos monopolistas de outras regiões, se tornam periféricas (que podem coincidir com territórios de Estados Nacionais ou mesmo continentais) (ARIENTI e FILOMENO, 2004, p. 7).

- 58 Aqui encontramos paralelo com a teorização marxista do desenvolvimento desigual, porém, combinado. A condição periférica ou semi-periférica leva à superexploração dos trabalhadores dessas regiões:

O capitalista em atividade periférica e integrado ao sistema mundial é ao mesmo tempo explorador e explorado, na medida que parte do excedente que ele extrai de seus trabalhadores é transferida aos capitalistas do centro. Para garantir uma taxa de lucro compatível com sua sobrevivência no sistema deve recorrer a superexploração dos seus trabalhadores, mesmo quando estão em uma relação de produção tipicamente capitalista (ARIENTI e FILOMENO, 2004, p. 9).

- 59 À articulação espacial, que se expressa na divisão internacional do trabalho, se soma uma articulação temporal, o que nos permite falar em uma articulação espaço-temporal. Como exemplo o tempo da revolução industrial inglesa se expande para outras áreas, como o Brasil. Chegando aqui, se articula com temporalidades pré-capitalistas, formando algo único, uma formação socioespacial.

Considerações finais

- 60 Com as análises efetuadas, pensamos ter demonstrado uma proposição viável para fundamentar estudos de Geografia Histórica. Este trabalho, que apesar de contar com um acúmulo de discussões, se encontra em constante aprimoramento, tal qual a vida social que se desenrola de modo processual. Nessa perspectiva ele deve ser avaliado, pois sempre poderão ser incorporados novos autores e abordagens.
- 61 Através das periodizações e do estabelecimento de recortes temporais, podemos trabalhar com o tempo de maneira satisfatória, tanto na Geografia Histórica, como na Geografia em geral. A empiricização do tempo através das técnicas permite a datação dos lugares, em uma perspectiva totalmente geográfica.
- 62 Concomitantemente, devemos sempre considerar que em estudos geográficos é necessário estabelecer de maneira apropriada os recortes espaciais e sua necessária articulação com as demais escalas geográficas com que se relaciona.
- 63 A abordagem adotada de realizar recortes espaciais e temporais permite estabelecer articulações espaço-temporais, simultaneamente sincrônicas e diacrônicas, contribuindo para a análise simultânea de padrões espaciais, bem como de processos temporais.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades In: **Colóquio O discurso geográfico na Aurora do século XXI**. Florianópolis: Programa de pós-graduação em Geografia/UFSC, 27-29 nov. 1996.
- _____. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras**, Geografia I série, vol. XIV, 1998, Universidade do Porto, Portugal. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2007.
- _____. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **Geosp**, 7, Universidade de São Paulo, 2000.
- ARIENTI, Wagner Leal; FILOMENO, Felipe Amin. Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. **Texto para discussão**. Florianópolis, UFSC, n. 04, 2004.
- ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora da Unesp, 1996.
- ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora UFRJ, 2001.
- BRAUDEL, Fernand. BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro, 1987.
- _____. A longa duração. In: _____. **História e ciências sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990. 6. ed. p. 7-39. (Original de 1969).
- CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de et. al. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 117-140.
- DARBY, H. C. On the relations of geography and history. In: GREEN, D. Brooks (org.). **History geography: a methodological portrayal**. Savage: Rowman & Littlefield. 1991. p. 34-45.
- ESTAVILLE, JR., Lawrence E. Organizing Time in Historical Geography. In: GREEN, D. Brooks (ed.). **Historical Geography: a methodological portrayal**. Savage, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, c1991. p. 310-324.
- MORAES, A. C. R. **Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2011. 2. ed.
- PHILO, Chris. História, geografia e o “mistério ainda maior” da geografia histórica. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (orgs.). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 269-298.
- SANTOS, Milton. O relógio e o tempo. **Folha de São Paulo**. 13 out. 1989.
- _____. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. 3. ed.
- _____. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2004. 4. ed.

_____. **O Espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004b. 2. ed.

_____. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Edusp, 2004c. 5 ed.

_____. **Por uma geografia nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2004d. 6. ed.

SILVA, Marcelo Werner da. **A formação de territórios ferroviários no Oeste Paulista, 1868-1892.** 2008. 311 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

_____. **A paisagem urbana da cidade de São Paulo na visão de viajantes estrangeiros, 1808-1858.** 2002. 234 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Categorias e conceitos da geografia e sua utilização no estudo das cidades brasileiras no período escravagista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 6, 1999, Presidente Prudente: **Anais...** Presidente Prudente: UNESP; AGB, 1999, p. 25-29.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

_____. A análise dos sistemas-mundo: a segunda fase. In: _____. **Impensar a ciência social:** os limites dos paradigmas do século XIX. São Paulo: Idéias e Letras, 2006. p. 305-312.

NOTAS

1. O presente artigo foi originalmente redigido como parte de tese de doutorado intitulada “A Formação de Territórios Ferroviários no Oeste Paulista, 1868-1892” (SILVA, 2008), defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. Maurício de Almeida Abreu, a quem dedicamos o presente trabalho. Incorpora também contribuições de dissertação de mestrado (SILVA, 2002), bem como o resultado de discussões realizadas no contexto do Grupo de Estudos de Geografia Histórica (UFF/PUCG).
2. Apesar de possíveis divergências quanto ao critério de determinação, pode ser associada à noção de rugosidade de Milton Santos.
3. Alguns autores preferem a utilizar apenas “Formação Espacial” (Ver MOREIRA, 2011, p. 75-79).

RESUMOS

Apontamos aqui alguns elementos para a discussão de uma proposta teórico-metodológica para estudos de geografia histórica. Ao defender a vinculação da Geografia Histórica à Geografia, utilizamos suas ferramentas teórico-conceituais, com as devidas correções metodológicas quando se estuda o passado.

Para tanto analisamos a relação entre Geografia e História e a relação entre tempo e espaço, através da empiricização do tempo, proposta por Milton Santos para comparar tempo e espaço e

assim possibilitar a datação dos lugares. Também desenvolvemos uma metodologia geográfica de recortes espaciais articulados escalarmente, bem como dos recortes temporais através do recurso às periodizações. Finalmente, discutimos possíveis maneiras de, realizando articulações espaço-temporais, poder organizar eficazmente o tempo para analisar relações espaciais.

Señalamos aquí algunos elementos para la discusión de una propuesta teórico-metodológica para los estudios de geografía histórica. Al defender la vinculación de la Geografía Histórica a la Geografía, utilizamos sus herramientas teórico-conceptuales, con las debidas correcciones metodológicas cuando se estudia el pasado.

Para esto analizamos la relación entre Geografía e História y la relación entre tiempo y espacio, a través de la empirización del tiempo, propuesta por Milton Santos para comparar tiempo y espacio y así posibilitar la datación de los lugares. También desarrollamos una metodología geográfica de recortes espaciales articulados escalarmente, bien como de los recortes temporales a través del recurso a las periodizaciones. Finalmente, discutimos posibles maneras de, realizando articulaciones espacio-temporales, poder organizar eficazmente el tiempo para analizar relaciones espaciales.

Nous pointons ici quelques éléments pour la discussion d'une proposition théorique-méthodologique pour les études de la géographie historique. En défendant la liaison entre la géographie historique et la géographie, nous utilisons leurs outils théoriques-conceptuels, avec les corrections méthodologiques appropriées lorsque l'on étudie le passé.

Par ce moyen, nous analysons la relation entre la géographie et de l'histoire et la relation entre le temps et l'espace, dans le temps empirique, proposé par Milton Santos afin de comparer le temps et l'espace et ainsi permettre la datation des lieux. Nous avons également développé une méthodologie géographique de coupures spatiales articulé en échelles, ainsi comme des coupures temporelles à travers du ressource de la périodisation. Finalement, nous discutons des possibles manières, effectuant d'articulations spatio-temporels, que nous pourrions organiser efficacement le temps pour analyser les relations spatiales.

We point here some elements for discussion of a theoretical-methodological proposal for the historical geography studies. Defending the connection between historical geography and geography, we use its conceptual-theoretical tools, with appropriate methodological adjustments when studying the past.

By this means, we analyze the relationship between geography and history and the relationship between time and space, using the empirical time proposed by Milton Santos to compare time and space and allow the dating of places. We have also developed a geographical methodology of spatial cuts on articulated scales, and also of temporal cuts by means of the resource of periodization. Finally, we discuss possible ways of, conducting spatio-temporal articulations, organize time effectively to analyze spatial relationships.

ÍNDICE

Mots-clés: géographie historique, articulations spatio-temporels, relation espace-temps

Palavras-chave: geografia histórica, articulações espaço-temporais, relação espaço-tempo

Palabras claves: geografía histórica, articulaciones espacio-temporales, relación espacio-tiempo

AUTOR

MARCELO WERNER DA SILVA

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos
Goytacazes/RJ.
marcelows@id.uff.br